

DIDEROT E KANT: ESCLARECIMENTOS

Paulo Jonas de Lima Piva¹

Resumo: O propósito deste ensaio é analisar e relacionar duas propostas de esclarecimento produzidas pela filosofia europeia do século XVIII, buscando mais suas singularidades e diferenças que seus pontos em comum. Ambas foram elaboradas em países de conjunturas culturais e políticas distintas e com base nas peculiaridades dos seus respectivos iluminismos. Trata-se da *Aufklärung* de Immanuel Kant (1724-1804), que se tornou célebre com o opúsculo *Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”?*, de 1784, e das *Lumières* corporificadas pelo pensador Denis Diderot (1713-1784) e expressas essencialmente no verbete “Filósofo” da *Encyclopédie*, de 1765.

Palavras-chave: Diderot – Encyclopédie – Esclarecimento – Iluminismo – Kant.

I – Esclarecimentos

Quando o assunto é *esclarecimento*, um dos primeiros nomes que a história da filosofia hegemônica e o senso comum da filosofia universitária trazem-nos à mente é o do iluminista alemão Immanuel Kant (1724-1804), em particular o seu opúsculo *Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”?*, de 1784, no qual encontramos a definição de esclarecimento que se tornou célebre e recorrente: “Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”². Curiosamente, 1784 também foi o ano em que o Iluminismo perdeu um dos seus mais ousados e combativos soldados na França absolutista, o enciclopedista Denis Diderot (1713-1784), este menos lembrado do que Kant pelos nossos estudiosos quando o assunto é *esclarecimento*.

Nas palavras de um dos principais *dix-huitiémistes* brasileiros, Franklin de Mattos, a *Encyclopédie*, uma ambiciosa iniciativa protagonizada em grande medida por Diderot, além de “maior *best-seller* da Ilustração”, foi “um dos maiores feitos filosóficos de todos os tempos”³. Dezessete volumes de textos redigidos entre 1750 e 1772, mais de setenta mil verbetes sobre os mais variados assuntos – de fabricação de alfinetes a cartesianismo –, a maior parte deles escrita, ao que tudo indica, pelo próprio Diderot. E no que concerne mais diretamente à

1Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professor da Universidade São Judas Tadeu. E-mail: pjl piva@hotmail.com.

2 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 63.

3 MATTOS. “O ABC da razão: a Encyclopédie diante da barbárie”, pp. 327 e 324.

formulação de uma ideia de esclarecimento, merece destaque o verbete “Filósofo”, de 1765, incorporado ao volume 12 da obra⁴.

Ao expor as diretrizes da *Encyclopédie*, explicar os critérios e objetivos do novo modo de pensar proposto ao seu século e descrever o comportamento e o posicionamento que um filósofo ilustrado deverá assumir doravante, Diderot acaba revelando, por meio de do verbete “Filósofo” e de outros, simultaneamente os princípios e as linhas gerais não só do seu projeto particular de esclarecimento, mas do projeto de esclarecimento da própria ilustração francesa, as *Lumières*, das quais, indubitavelmente, a *Encyclopédie* foi sua principal ferramenta e arma, e ele, Diderot, um dos seus principais condutores. Nesse sentido – e esta é a hipótese interpretativa norteadora deste ensaio –, poderíamos dizer que, em última instância, o verbete “Filósofo” estaria para Diderot e para o ideário dos *philosophes* como a *Aufklärung* estaria para Kant e para o opúsculo kantiano de 1784.

Entretanto, embora o verbete “Filósofo” e outros similares tenham alvejado a superstição e o obscurantismo, enaltecido a autonomia reflexiva e moral do indivíduo e a supremacia da razão sobre qualquer outro princípio, eles não ganharam a mesma projeção e relevância, tampouco o mesmo tratamento histórico, desse requisitado texto de Kant. Na verdade, foram subestimados e ignorados, talvez pelo fato de serem verbetes de um dicionário enciclopédico, ou simplesmente desprezados por um preconceito ainda presente em alguns guetos acadêmicos mais conservadores quando a filosofia ilustrada do *Ancien Régime* é aludida: o estilo demasiadamente literário, a exposição não sistemática das ideias, o tom supostamente proselitista, panfletário e jocoso dos argumentos e das críticas, características estas que revelariam um modo de pensar pouco rigoroso, sério e profundo de escritores como Voltaire, Rousseau e o próprio Diderot. A respeito desse estereótipo, Émile Bréhier, no volume da sua *História da Filosofia* dedicado ao período, escreve o seguinte:

Esse século tem sido apreciado de diversas maneiras: atraiu o desdém dos historiadores da filosofia que, à exceção das doutrinas de Berkeley, Hume e Kant, aí não encontram senão pensamentos sumários, desconexos, pouco originais, de aspecto panfletário e de espírito partidarista⁵.

Vejamos o caso da *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, de Adorno e Horkheimer, de 1944. Ela é considerada uma das obras mais importantes do século XX, em grande medida por ter se dedicado ao tema do iluminismo e do esclarecimento. Nela, a

4 É necessário salientar, a propósito, que a partir do ano de 1796 circulou pelos ambientes clandestinos da filosofia francesa das Luzes uma outra versão do verbete “Filósofo”, desta vez intitulada *O verdadeiro filósofo*, de autoria atribuída a César Chesneau Du Marsais (1676-1756) (Cf. DU MARSAIS, “O verdadeiro filósofo”).

5 BRÉHIER. *História da Filosofia*, p. 9.

Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”? é analisada, o projeto da *Aufklärung* de Kant é central, porém, não encontramos nenhuma menção significativa, por exemplo, a Diderot, tampouco ao verbete “Filósofo”. Contudo, em sua crítica à gênese e aos desdobramentos históricos do iluminismo, a dupla frankfurtiana não se restringe à Alemanha de Kant. A filosofia francesa do século XVIII também é por eles contemplada. Mas é ao pensamento do Marquês de Sade (1740-1814) – portanto, de certo modo, ao desfecho da ilustração francesa –, que o livro dos dois se atém. Ao autor de *A filosofia na alcova* a dupla dedicou um excurso intitulado “Juliette ou Esclarecimento e Moral”. A propósito, e muito curiosamente, Adorno e Horkheimer abrem o excurso II de sua obra, que tem em Sade o seu eixo, com a clássica e paradigmática definição kantiana de esclarecimento, ou seja, como a saída do homem de sua menoridade⁶.

II – O esclarecimento célebre

Denis Thouard é um crítico bastante sacrílego da filosofia de Kant. Por conta disso não deve ser muito apreciado pelos kantólogos, em especial pelos kantólogos kantianos mais deslumbrados, aqueles que tentam fazer do mestre o descobridor do fogo ou o inventor da roda na filosofia. Em seu *Kant*, de 2001 – livro que provavelmente não deve frequentar as bibliografias das dissertações e teses universitárias “sérias” sobre Kant –, o pesquisador da CNRS⁷ não poupa investidas contra o autor da *Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”?*. Sua leitura do filósofo do esclarecimento não descuida de nenhum aspecto do seu ser, viver e pensar. Procura entender o pensamento kantiano com base no seu todo. Sobre a personalidade e o comportamento de Kant, por exemplo, são vários os adjetivos empregados por Thouard para defini-los. Frisemos alguns deles, alguns já incorporados à caricatura do pensador alemão.

Thouard destaca de início um contraste à primeira vista: Kant, um “homem das Luzes”, era ao mesmo tempo um “ingênuo”, alguém “bastante provinciano”, haja vista que nunca deixou sua manjedoura, Königsberg⁸. Todavia, apesar de provinciano, ele era “evidentemente pedante”⁹. Thouard ainda ressalta que Kant era um “amante da obediência”, um “obsequioso com as autoridades” – longe, portanto, de ser um revolucionário –, um indivíduo obcecado em “disciplinar tudo” – o que faria dele um “maníaco” –, um “moralista” capaz de entregar “um fugitivo aos soldados em lugar de proferir a menor das mentiras”,

6 cf. ADORNO e HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*, pp. 81 a 112.

7 Centre national de la recherche scientifique CNRS.

8 THOUARD. *Kant*, p. 15.

9 THOUARD. *Kant*, p. 15.

alusão aqui, clara e direta, ao ensaio *Sobre um suposto direito de mentir por amor à humanidade*, de 1797, em que Kant refuta Benjamin Constant¹⁰.

Argumentos *ad hominem*? Thouard vai além. Antes, prossegue em seu exame implacável afirmando que Kant “fala de tudo sem saber”¹¹. Professor de geografia física, nunca viu um rio importante ou o menor dos oceanos¹²; suas aulas eram fartas de preconceitos etnocêntricos¹³. Já quanto aos conceitos e às categorias kantianas, Thouard é categórico: o “seu juízo sintético *a priori* é uma mistificação; seu imperativo categórico é enfático; ele finge expulsar Deus pela porta, mas abre para Ele todas as janelas”¹⁴. Em seguida enfatiza: “sua tábua das categorias leva o ridículo longe demais, são compartimentos vazios”¹⁵. E o comentador não para por aí: Thouard ainda ressalta sobre o pensador alemão que o “seu esquematismo é incompreensível”¹⁶, que ele “inventa jargões, rivaliza com os medievais no artifício da terminologia”¹⁷. Em seguida, insiste: Kant “é um filósofo cheio de preconceitos”, sobretudo em relação às mulheres¹⁸. E arremata: “é, finalmente, o responsável pelo delírio especulativo que tomou conta dos espíritos da Alemanha, onde logo se exaltou inconsideradamente o Absoluto, o Sujeito, Deus, a Liberdade”¹⁹.

Mas o mais importante para nós Thouard sentencia agora, depois de definir o estilo de Kant como “grandioso e soporífero”²⁰:

Mas ele é também obscuro, técnico, escolástico. Não se encontra nele a simplicidade galhofeira de um Voltaire, a imaginação crepitante e burlesca de Diderot, a profundidade límpida de Rousseau, que são, no entanto, “filósofos do século das Luzes”, em suma, “Filósofos” no sentido da época. Com Kant não há lugar para se perguntar se ele é melhor escritor ou melhor filósofo. Os livros que contam – inútil esconder – são difíceis. *A Crítica da razão pura*, manifestamente, passa por uma miscelânea incompreensível à primeira leitura²¹.

10 THOUARD. *Kant*, p. 15.

11 THOUARD. *Kant*, p. 15.

12 THOUARD. *Kant*, p. 15.

13 THOUARD. *Kant*, p. 16.

14 THOUARD. *Kant*, p. 15.

15 THOUARD. *Kant*, p. 15.

16 THOUARD. *Kant*, p. 15.

17 THOUARD. *Kant*, p. 16.

18 THOUARD. *Kant*, p. 16.

19 THOUARD. *Kant*, p. 15.

20 THOUARD. *Kant*, p. 16.

21 THOUARD. *Kant*, p. 16.

Não obstante, a despeito de todas essas críticas atrevidas a Kant e das provocações aos kantianos, Thouard admite: “ele reinventou a filosofia”²².

Roger Scruton concorda com Thouard sobre a dificuldade de se penetrar na arrevesada doutrina kantiana. Logo nas primeiras linhas do seu também introdutório *Kant*, também de 2001, Scruton registra sua insegurança quanto ao cumprimento da tarefa que impôs a si mesmo no seu livro, a saber, tornar Kant compreensível, pelo menos para o “leitor médio”. Scruton vai mais fundo e coloca em questão a própria inteligibilidade da reflexão kantiana. Será que Kant foi claro para si mesmo? É o que Scruton problematiza abaixo:

Como Kant é um dos filósofos mais difíceis dos tempos modernos, não alimento muitas esperanças de ter conseguido tornar todos os aspectos de seu pensamento inteligíveis para o leitor médio. Aliás, nem é certo se todos os aspectos de seu pensamento foram inteligíveis para alguém, mesmo para o próprio Kant²³.

Ora, como um filósofo “obscuro, técnico, escolástico”, como ressalta Thouard²⁴, de escrita pouco convidativa e pensamento quase incompreensível – para não dizer hermético ou esotérico –, ininteligível em alguns aspectos até para si mesmo, como aventa Scruton, pode ser considerado e consagrado por uma certa vertente da história da filosofia como um modelo e paladino do esclarecimento?!

Kant tinha consciência da dificuldade do leitor em assimilar suas ideias pela aspereza do seu estilo. Quem garante é Georges Pascal²⁵. No caso em particular da *Crítica da razão pura*, o filósofo alemão tentou solucionar tal problema a partir da sua segunda edição, afirma o comentador, esforçando-se por se fazer mais acessível. Mas terá mesmo Kant conseguido realizar com êxito tal intento?

Se depender de Thouard e Scruton, como vimos, e também deste que escreve, não. Seja como for, a obscuridade da escrita e do raciocínio kantianos não é exclusividade da *Crítica da razão pura*. Paradoxalmente, o esclarecido e laureado *Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”?* – texto anterior à segunda edição da *Crítica da razão pura*, que é de 1787 – também não é tão esclarecedor assim, mesmo, ao que parece, para os que degustam Kant diretamente na sua língua original.

22 THOUARD. *Kant*, p. 16.

23 SCRUTON. *Kant*, p.9.

24 THOUARD. *Kant*, p. 16.

25 PASCAL. *Compreender Kant*, p. 7.

As definições de maioridade, menoridade e de esclarecimento do opúsculo de Kant são em essência inequívocas: 1) a saída da heteronomia para a autonomia; 2) a iniciativa de pensar e saber por conta própria, ou seja, sem a determinação de um tutor que pense pelo indivíduo ou de um diretor de consciência que lhe dite suas crenças e escolhas; 3) a responsabilidade absoluta do indivíduo pela situação do seu próprio entendimento. Esclarecimento requer coragem, sublinha Kant²⁶. Nesse sentido, mantêm-se na menoridade o preguiçoso e o covarde, isto é, aqueles que preferem a comodidade e a segurança da sujeição e do embrutecimento promovidos pelos tutores à possibilidade da autodeterminação; em suma, aqueles que preferem ser conduzidos como crianças e “gado doméstico” – expressão esta do próprio Kant – a agirem como sujeitos²⁷. A despeito dos temores que os tutores infundem em seus subordinados quanto à opção pela autonomia, pelo andar com as próprias pernas, esses próprios tutores, argumenta Kant, são a prova efetiva de que o ser humano pode com certeza vencer o “jugo da menoridade”, de que o homem tem “vocação” para pensar por si mesmo e, conseqüentemente, para emancipar-se por si próprio, afinal, os tutores, antes de qualquer coisa, pensam por conta própria, logo, um dia conseguiram realizar tal passagem emancipando-se dos seus próprios tutores²⁸.

E qual seria para Kant o catalizador, por assim dizer, desse processo de *Aufkl  rung* que emanciparia n   s   o indivíduo, mas que se ampliaria e atingiria o *público*, já que para o filósofo alemão “um público [que] se esclareça a si mesmo é perfeitamente possível”?²⁹ Obviamente, o uso livre da *razão*. Porém, um uso regrado e vigiado dessa faculdade. Moderado e prudente, Kant adverte: “um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento”³⁰. Dito de outro modo, nada de iniciativas radicais, expectativas ansiosas, rupturas, numa palavra, nada de revolu  o. Kant sugere, ao contrário, muita paciência histórica. “Uma revolu  o”, pondera Kant, “poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão   vida de lucros ou de domínios, porém nunca produzir   a verdadeira reforma no modo de pensar”³¹.

Se o esclarecimento para se realizar exige a liberdade, a mais “inofensiva” delas, como adjetiva Kant, a saber, “a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões”³², a saída da menoridade dependerá, portanto, de um regime político de “liberdade civil”³³. Contudo, esse regime, no entender de Kant, deverá ser pautado por um valor preponderante,

26 cf. KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 63.

27 cf. KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 64.

28 cf. KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 65.

29 cf. KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 65.

30 KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 65.

31 KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 65.

32 KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 65.

33 cf. KANT. *Resposta    pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 71.

o “interesse público”, e por “limites intransponíveis”³⁴ que protejam esse interesse público, isto é, os deveres políticos, mais precisamente a obediência às leis e às autoridades e o reconhecimento e respeito pelas instituições constituídas. E como parte dessas limitações subordinadas ao interesse público estaria o “uso privado da razão”, aquele em que a reflexão e as opiniões do indivíduo têm de se submeter às restrições que o cargo público que ele eventualmente ocupa lhe impõe³⁵. Fora do seu cargo a situação é outra: o raciocínio é ilimitado, o direito de expor publicamente suas opiniões é irrestrito, desde que este indivíduo obedeça à ordem política e institucional. Em termos mais palpáveis, todo contribuinte, na condição de cidadão – ou de “súdito”, como parece preferir Kant³⁶ – que não concorda com o valor dos tributos que é obrigado a pagar, tem o direito de usar a sua razão publicamente para criticar tal valor, porém, enquanto contribuinte; já como cidadão dotado de responsabilidades com o público e o Estado, ele deve pagar o valor que contesta, uma vez que uma lei vige acima da sua discordância.

Eis uma das ilustrações de Kant para diferenciar o uso público da razão do seu uso privado. O mesmo vale para um oficial do exército descontente com a instituição que serve ou um sacerdote que discorda de determinadas posturas da igreja a que pertence. Como súditos, ambos podem questionar e criticar publicamente suas instituições. Contudo, no exercício de suas funções, eles não podem deixar de cumprir suas obrigações institucionais, o que lhes impõe a privação das suas considerações a respeito das instituições que servem³⁷. Em suma, trata-se de uma interpretação bastante rígida da velha associação entre liberdade e responsabilidade.

A propósito, no entender do autor do opúsculo de 1784, um governante “realmente esclarecido”³⁸ não deve prescrever nada aos seus súditos em matéria de crença, sobretudo em matéria de crença religiosa. Ao contrário, deve não apenas permitir, mas não temer que seus súditos pensem e ajam em prol da salvação de suas almas livremente, desde que em concordância com a ordem civil. Isso significa não censurar, por exemplo, escritos que sirvam de fundamento para a fé de seus súditos, bem como evitar que outros súditos façam uso da violência e de outras arbitrariedades para impedir que outros exercitem suas profissões de fé³⁹. Em outras palavras, aos olhos de Kant, o governante “realmente esclarecido” deve combater as atitudes dos súditos que tentem exercer um “despotismo espiritual” sobre os outros⁴⁰. Em

34 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 71.

35 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 66.

36 cf. KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 70, por exemplo.

37 cf. KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 70.

38 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 70.

39 cf. KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 69.

40 cf. KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 69.

contrapartida, esse mesmo governante deve manter sob controle um “numeroso e bem disciplinado exército para garantir a tranquilidade pública”⁴¹. Tal governante, como lemos no próprio opúsculo, seria Frederico II, soberano da Prússia na época em que Kant escrevia. “Nenhum monarca superou aquele que reverenciamos”, sentencia em tom elogioso o autor esclarecido a respeito do seu déspota esclarecido⁴². Aliás, Kant refere-se à sua época como “época do esclarecimento ou o século de Frederico”⁴³. Para um homem do século XXI, que tem a democracia como um valor universal e de esclarecimento na política, impõe-se a pergunta ao se deparar com tal equivalência feita por Kant: um pensador esclarecido continua esclarecido ao elogiar um déspota, mesmo sendo este esclarecido?

O fato é que, para Kant, um governo de uma “época de esclarecimento”, comprometido efetivamente com a saída dos homens da menoridade – portanto, com um dos “sagrados direitos da humanidade”, como destaca o filósofo no opúsculo⁴⁴ –, segue, sem nenhum temor, a seguinte máxima: “raciocinai tanto quanto quiserdes e sobre qualquer coisa que quiserdes; apenas obedecei!”⁴⁵.

Mas que “homem” exatamente seria esse do qual nos fala Kant em abstrato, que deve e pode sair da sua condição de menoridade, da qual ele próprio seria culpado, e cuja passagem para a maioridade seria mais do que uma “determinação original”⁴⁶, mais do que uma “tendência e vocação”⁴⁷, na verdade, “um crime contra a natureza humana” caso não se realize?⁴⁸

Esta é a pergunta que Michel Onfray, à sua maneira, faz na sua *Contra-história da filosofia 4*, de 2007, cujo subtítulo, bastante instigante, é *Os ultras das Luzes*. Caberiam nas abstrações kantianas de “homem” e “público”, por exemplo – provoca Onfray, que se refere a Kant como “paragão das Luzes” e “calvário dos estudantes”⁴⁹ –, “os empregados, operários, assalariados, assim como os negros e as mulheres”?⁵⁰. Teriam essas categorias humanas mais especificadas “o direito de estar no mundo do mesmo modo que um branco proprietário bem ensaboado”?⁵¹ Lembrando, ao definir “uso público da razão” no opúsculo de 1784, Kant indica o alvo desse exercício, porém, mais uma vez, sem explicitá-

41 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 70.

42 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 71.

43 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 70.

44 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 69.

45 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 69.

46 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 68.

47 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, pp. 65 e 71.

48 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 68.

49 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 19.

50 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 20.

51 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 20.

lo: o “grande público do *mundo letrado*”⁵². Onfray tem a seguinte interpretação a respeito do público efetivo visado por Kant:

Explicitemos mais ainda: quando se fala de homem, somente o gênero humano masculino é considerado, pois a mulher é definida (um pouco breve para o pensador da razão pura, mas Kant amiúde se satisfaz com o postulado, uma postura filosófica medíocre...) intrinsecamente como uma menor *a priori*: sob sua pena encontramos a lamentável expressão “sexo frágil”⁵³.

De fato, lemos na *Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”?* que a “imensa maioria da humanidade” e – importante destacar – “inclusive *todo* o belo sexo” (grifo nosso) consideram a passagem à maioridade “difícil e além do mais perigosa”⁵⁴. A ênfase dada por Kant à totalidade do “belo sexo” na dificuldade de se esclarecer dá razão à crítica de Onfray aos limites do *Sapere aude* da *Aufklärung* kantiana.

Nas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, livro do iluminista alemão de 1764, ao que tudo indica, Onfray encontra mais fundamentos para a sua crítica à concepção de esclarecimento de Kant, em particular ao sexismo nele presente. Lemos nesse livro, por exemplo, que “a mulher possui um forte sentimento inato por tudo o que é belo, gracioso e ornado”⁵⁵. Lemos também pela pena de Kant que a mulher é o sexo do “autodomínio”, da “bondade e da compaixão”, que ela “prefere o belo ao útil”, cabendo-lhe, por consequência, o papel de tornar “mais refinado mesmo o sexo masculino”⁵⁶. Kant declara ainda, sem pejo, nesse livro, como um homem “de vanguarda” do século XVIII, o seguinte:

O estudo laborioso ou a especulação penosa, mesmo que uma mulher nisso se destaque, sufocam os traços que são próprios a seu sexo; e, não obstante dela façam, por sua singularidade, objeto de uma fria admiração, ao mesmo tempo enfraquecem os estímulos por meio dos quais exerce seu grande poder sobre o outro sexo⁵⁷.

E conclui Kant vinte anos antes do seu célebre opúsculo:

52 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 66.

53 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 23.

54 KANT. *Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?*, p. 64.

55 KANT. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, p. 48.

56 KANT. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, p. 48.

57 KANT. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, p. 49.

A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora *Dacier*, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de *Châtelet*, só pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram⁵⁸.

Valendo-se desses subsídios Onfray amplia o alcance de sua crítica, denunciando agora outras exclusões do esclarecimento kantiano:

Kant refina sua ideia: dirige-se, é claro, aos que podem pensar. Não às mulheres, como já vimos, certamente não ao negro ou ao samoiedo, falemos sério, provavelmente tampouco ao camponês ou ao doméstico, ao empregado ou a todos os cidadãos passivos⁵⁹.

E é nas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* que Onfray, ao que tudo indica, localiza outras passagens racistas, eurocêtricas e de tom elitista do projeto emancipador de Kant:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos esconjuros. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, *que se deve dispersá-los a pauladas* (grifo nosso)⁶⁰.

58 KANT. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, p. 49.

59 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 23.

60 KANT. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, p. 75.

Os negros devem ser dispensados “a pauladas”!... Esta é recomendação do grande mestre alemão do esclarecimento, repleto de admiradores pelas nossas academias! Mas Kant não para por aí. Ele faz questão de frisar, ainda no mesmo livro, que o seu cristianismo pietista seria superior, por exemplo, à religião dos indianos:

Os indianos possuem um gosto dominante para o caricaturesco, daquela espécie que atinge o extravagante. Sua religião consiste em caricaturas. Ídolos de forma monstruosa, o dente inestimável do poderoso macaco Hanuman, as penitências desnaturadas do faquir (frades mendicantes pagãos) etc., fazem parte desse gosto. O sacrifício voluntário da mulher na mesma fogueira que consome o cadáver do marido é uma horrível extravagância⁶¹.

Munido dessas barbaridades “ilustradas”, Onfray, mais contundente, ironiza os objetivos do esclarecimento de Kant:

Não misturemos trapos populares e guardanapos filosóficos. As Luzes são uma prebenda para quem as merece. Não a ralé, claro, mas a elite esclarecida, capaz de propagar a boa-nova luminosa⁶².

E finaliza o autor do demolidor *Tratado de Ateologia*: “no caso kantiano, as Luzes continuam sendo um assunto de salões mundanos ou de cursos universitários”⁶³.

III – O esclarecimento menosprezado

Poucos estudiosos mostram saber, outros relegam, mas trinta anos antes do badalado *Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”?*, no seu livro *Da Interpretação da natureza*, Diderot já advogava com entusiasmo:

Apressemos-nos para tornar a filosofia *popular* (grifo nosso). Se quisermos que os filósofos caminhem para a frente, aproximemos o povo do ponto em que estão os filósofos. Acaso dirão que existem obras que nunca se colocarão ao

61 KANT. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*, p. 75.

62 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 23.

63 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 25.

alcance do comum dos espíritos? Se o disserem, mostrarão apenas que ignoram o que pode um bom método e um longo hábito⁶⁴.

Popularizar a filosofia para que o povo possa ser esclarecido e se esclarecer. O vínculo que Diderot estabelece entre esclarecimento e filosofia é visceral. E por filosofia – conceito sempre vago e embaraçoso – entendamos aqui o que Diderot escreve no verbete “Filosofia”, da *Encyclopédie*, de 1765. “Filosofia”, define Diderot, “é dar a razão das coisas ou, ao menos, procurá-la, pois enquanto nos limitamos a ver e narrar o que é visto, somos historiadores”⁶⁵. Ora, conhecer as razões, causas e fundamentos das coisas, em particular da realidade humana, não é parte essencial do processo de esclarecimento?

De volta à passagem sobredita de *Da interpretação da natureza*, notemos o seguinte: ao contrário de Kant, como vimos, o esclarecimento, para o pensador francês, ao que tudo indica, independe de etnia, classe social ou gênero; basta ser humano, ter vontade de se emancipar e um mínimo de inteligência para se beneficiar das luzes da racionalidade. Por outro lado, caberia aos filósofos tornarem essas luzes mais acessíveis, mais populares. Uma linguagem mais coloquial, sem com isso dispensar o rigor, um estilo mais sedutor e agradável e, sobretudo, uma postura menos pedante, parecem ser os componentes fundamentais desse “bom método” do qual nos fala Diderot. Este, por sua vez, exigirá muita iniciativa, engajamento e perseverança dos filósofos para que se consolide e seja eficaz na promoção do esclarecimento.

Roland Mortier, outro grande *dix-huitiémiste*, não tem dúvida quanto ao alcance e ao tipo de esclarecimento pretendido por Diderot. O projeto de esclarecimento de Diderot mediante uma “filosofia popular”, isto é, mediante uma democratização das luzes, embora muito otimista, um pouco ingênuo talvez, é indisfarçável, assinala Mortier⁶⁶. Não é o que pensa exatamente Michel Onfray. Para este, também no seu livro dedicado aos “ultras das Luzes”, Diderot, embora trate com respeito e em pé de igualdade os não-europeus em suas reflexões, em particular os povos indígenas representados pelos taitianos no seu *Suplemento à viagem de Bougainville* – texto de 1772, de forte teor anticolonialista –, cometeu o pecado de ter investido e lucrado com o tráfico negreiro da época⁶⁷. Ademais, Diderot teria sido partidário da pena de morte, tal como Kant, Voltaire, Montesquieu e Rousseau⁶⁸, os protagonistas do que ele denomina “Luzes pálidas”⁶⁹.

64 DIDEROT. *Da natureza e outros escritos*, p. 61.

65 DIDEROT. *Filosofia*, p. 45.

66 cf. MORTIER. “Diderot et le project d’une ‘philosophie populaire’”, p. 35.

67 cf. ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 19.

68 cf. ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 20.

69 ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 19.

Vale notar que Onfray deixou passar na sua contra-história da filosofia iluminista a tese materialista e determinista de Diderot de que as mulheres, por terem uma organização psicofisiológica diferente da dos homens, seriam constituídas por paixões mais vigorosas, tornando-as assim mais propensas ao ciúme, ao ressentimento, ao fanatismo religioso e à loucura⁷⁰. Além das paixões, assinala o filósofo, outro problema natural das mulheres seria o seu clitóris. Ao contrário do pênis, o clitóris seria pequeno e delicado demais, o que atrapalharia a volúpia feminina. Em virtude disso, “muitas mulheres morrem sem haver experimentado o extremo da voluptuosidade”, sentencia o enciclopedista⁷¹. Entretanto, não encontramos em Diderot passagem similar relacionando, por exemplo, a capacidade de pensar das mulheres ao formato ou tamanho do seu cérebro. Portanto, as mulheres também estariam incluídas no projeto diderotiano de esclarecimento.

Onfray à parte, em 1755, um ano após a entusiasmada profissão de fé iluminista de *Da interpretação da natureza*, Diderot, ao fazer-se enciclopedista no verbete “Encyclopédie”, da *Encyclopédie*, expõe as linhas gerais das *Lumières*. Ele registra que o propósito principal da *Encyclopédie* é “reunir os conhecimentos esparsos sobre a superfície da Terra” e transmiti-los às gerações vindouras, para que as mulheres e os homens do porvir, beneficiados com essas luzes, sejam “mais virtuosos e felizes” e, por conseguinte, que possam finalmente se orgulhar do “gênero humano”⁷². Nessa perspectiva, “tudo o que se relaciona com a curiosidade humana”, sem nenhuma restrição ou discriminação, será objeto de investigação e, sobretudo, de difusão⁷³.

Projeto coletivo, humanista, democrático num certo sentido, a *Encyclopédie* também foi uma iniciativa militante. O próprio título da *Encyclopédie*, quando lido com atenção e na íntegra, deixa claro esse intento: *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers par une société de lettrés*. E aqui destaquemos uma parte do longo título da *Encyclopédie* normalmente negligenciado pelos estudiosos e pelas publicações: “*par une société de lettrés*”. Nada mais ideológico, programático e político, afinal, o que seria uma “sociedade de letrados” senão uma comunidade de mulheres e homens alfabetizados, instruídos, críticos e autônomos em relação às suas próprias convicções e escolhas, uma comunidade discursiva, em última instância, uma *opinião pública*? Nesse sentido fica evidente, de uma vez por todas, que a finalidade da *Encyclopédie* – e do pensamento de Diderot em particular – era ser a ferramenta e o catalizador do esclarecimento na França.

70 cf. DIDEROT. *Sobre as mulheres*, p. 147.

71 DIDEROT. *Sobre as mulheres*, p. 147.

72 DIDEROT. *Encyclopédie*, p. 123.

73 DIDEROT. *Encyclopédie*, p. 123.

No verbete “Filósofo”, também de 1765, Diderot fornece mais detalhes do esclarecimento que advoga ao descrever as virtudes da sua concepção de pensador ilustrado. Este seria o oposto da figura arredia e alheia ao cotidiano, do contemplador de essências, do estereótipo de filósofo então vigente em sua época. Homem de razão, o filósofo, no entender de Diderot, deve antes de tudo “julgar bem”, ter “o cuidado de distinguir as ideias com clareza”, enfim, ser dotado de “juízo e precisão de entendimento”⁷⁴. Além de judicioso e equilibrado, ele precisa também ter “flexibilidade” e “clareza”⁷⁵. Portanto, o dogmatismo não faz parte do seu temperamento. E uma exigência que a razão lhe faz é conhecer, estudar e esmerar-se para “adquirir qualidades sociais”⁷⁶. Assim sendo, a maior virtude do filósofo diderotiano será a *sociabilidade*, ou seja, ele dever ser fundamentalmente “um homem honesto que quer agradar e ser útil”⁷⁷. Seu comprometimento com a ação e a inserção nos problemas da sociedade deve ser, portanto, maior do que com a especulação solitária e estéril. “Para ele”, escreve Diderot, “a sociedade civil constitui, por assim dizer, uma divindade na Terra”⁷⁸.

Probo, inimigo do fanatismo, da superstição e de toda forma de obscurantismo, o filósofo diderotiano, por “constituição mecânica”, por “disposição mecânica”, enfim, por determinação da sua matéria, da sua psicofisiologia – o Diderot de 1765 já é um materialista –, “ama zelosamente a sociedade”⁷⁹. E ele exterioriza esse sentimento usando sua “força moral” para “produzir efeitos” na sociedade⁸⁰. Ou seja, ele é também um homem de ação, um ser político, alguém que interfere na dinâmica das dos costumes e das instituições. Esse “amor à sociedade”, esse prazer de conviver, ressalta Diderot, é “essencial ao filósofo”⁸¹. Diderot então, via imperador Antonino, resgata no verbete “Filósofo” a fórmula platônica do “filósofo rei” ou “rei filósofo”: “Os povos serão felizes quando os reis forem filósofos, ou quando os filósofos se tornarem reis”⁸². Nas palavras do próprio Diderot: “Enxertai um soberano em um filósofo dessa têmpera e tereis um soberano perfeito”⁸³.

74 DIDEROT. *Filósofo*, p. 56.

75 cf. DIDEROT. *Filósofo*, p. 56.

76 DIDEROT. *Filósofo*, p. 56.

77 DIDEROT. *Filósofo*, p. 56.

78 DIDEROT. *Filósofo*, p. 57.

79 DIDEROT. *Filósofo*, p. 57.

80 DIDEROT. *Filósofo*, p. 57 e 58.

81 DIDEROT. *Filósofo*, p. 58.

82 DIDEROT. *Filósofo*, p. 58.

83 DIDEROT. *Filósofo*, p. 58.

IV – O esclarecimento democrático

Diderot e Kant foram, para Michel Onfray, dois de um “punhado de pensadores” que se armaram com “tochas e archotes, lamparinas e lanternas”, para combater o obscurantismo no século XVIII⁸⁴. Por terem sustentado ideias sexistas e conservadoras e por terem assumido posturas racistas e reacionárias na prática, suas concepções de esclarecimento foram bastante tímidas e precárias, portanto, suas luzes, por excesso de moderação, foram por demais pálidas⁸⁵. Nesse sentido, o esclarecimento de fato, amplo e irrestrito, por assim dizer, foi levado a cabo no século XVIII por outros iluministas, os mais radicais deles, mais exatamente Jean Meslier, La Mettrie, Holbach, Maupertuis, Helvétius e Sade, materialistas e ateus implacáveis com a religião – o cristianismo particularmente –, com a própria crença em Deus, com os desmandos do *Ancien Régime* e, no caso de Meslier, com as injustiças provocadas pela propriedade privada⁸⁶. Meslier, a propósito, elegeu como público principal dos seus escritos os camponeses. De todos os ideários de esclarecimento dos iluministas do século XVIII, o de Meslier foi certamente o mais democrático. Podemos dizer, sem hesitação, que dos ultras ele foi o *ultra*. Além de escrever para os camponeses numa linguagem muito próxima à usada por eles no seu dia a dia, Meslier refutou com radicalidade Deus, papa, rei, senhor, propriedade⁸⁷.

Outro aspecto ressaltado por Onfray acerca dos ultra-iluministas é que o uso que estes fizeram da razão não se deixou limitar por nenhuma separação entre um uso público e um uso privado, como ocorre em Kant. O uso que fizeram da razão foi absolutamente livre e aberto, o que sugere que o projeto de esclarecimento desses radicais era bastante visionário em termos de expectativa quanto à superação do obscurantismo e à emancipação da humanidade⁸⁸.

Diderot não nos parece como pareceria a Onfray. Não o vemos no mesmo “punhado de pensadores” que descreve Onfray. Diderot tem a sua singularidade no iluminismo. A concepção de esclarecimento de Diderot parece se situar entre as luzes dos ultras e as de Kant. Suas *Lumières* diferem em alguns pontos da *Aufklärung* kantiana, como tentamos mostrar. Do mesmo modo que os ultras, Diderot não estabeleceu tipos ou limitações ao uso da razão. Porém, ele tem consciência de que o uso sem limites da razão, sobretudo quando público, pode gerar consequências sérias, o que impõe responsabilidades ao pensador que usufrui dessa liberdade. Diderot, como bom epicurista, concebe o filósofo ilustrado, esse agente do

84 cf. ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 15.

85 cf. ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 18.

86 cf. ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 25.

87 cf. PIVA. *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*, pp. 209 a 256.

88 cf. ONFRAY. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 25.

esclarecimento, como “um homem honesto que age governado pela razão”⁸⁹. Assim sendo, ele propõe a moderação e o cálculo para tudo na vida, inclusive para o pensar, ainda mais quando este se faz público.

Mas é na *História filosófica e política das duas índias*, do abade Raynal, obra de várias edições entre os anos de 1770 e 1781 – ainda hoje de difícil acesso –, com a qual Diderot contribuiu, que a verve democrática do seu ideário de esclarecimento se manifesta de forma inequívoca. O tema é a política colonialista das potências europeias do seu tempo. Diderot mostra-se indignado com o modo como os povos dessas colônias são tratados pelos seus colonizadores “civilizados”, em particular os índios e os negros. Bem diferente do elogio ao despotismo de Frederico II feito por Kant no seu célebre opúsculo – “esta época é a época do esclarecimento ou o século de Frederico”⁹⁰ –, lembrando a contundência libertária e ao mesmo tempo pessimista do *Discurso da servidão voluntária*, de Étienne de La Boétie, Diderot, longe do entusiasmo expresso em *Da interpretação da natureza*, revela em definitivo o público-alvo – isto é, o gênero humano, sem nenhuma discriminação – e a essência democrática do seu empreendimento emancipador na antológica passagem:

Povos covardes! Povos estúpidos! Já que a continuidade da opressão não vos dá nenhuma energia; já que preferis gemidos inúteis, quando poderíeis rugir; já que sois milhões, e suportais que uma dúzia de crianças armadas com pequenos paus vos conduzam, obedecel! Andai, sem nos importunar com vossas queixas, e sabei pelo menos ser infelizes, se não quereis ser livres!⁹¹
(*Apud* SOUZA, 2002, p. 146)

Diderot and Kant: Clarifications

Abstract: The purpose of this essay is to analyze and relate two proposals for illustration made by the European philosophy of the eighteenth century, their singularities and seeking more differences than their commonalities. Both of them were developed in countries with different cultural and political conjunctures and based on the peculiarities of their respective enlightenments. This is the Aufklärung of Immanuel Kant (1724-1804), who became famous with the booklet Answer the question: what is "Enlightenment"?, written in 1784, and the Lumières embodied by the speculator Denis Diderot (1713-1784) and mainly expressed in the entry "Philosopher" of the Encyclopedia of 1765.

Key-words: Diderot – Encyclopedia – illustration – enlightenment – Kant.

89 DIDEROT. *Filósofo*, p. 58.

90 KANT. *Resposta à pergunta: que é "Esclarecimento"?*, p. 70.

91 *apud* SOUZA. *Natureza e Ilustração: o materialismo de Diderot*, p. 146.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BRÉHIER, Émile. *História da Filosofia*. Tomo Segundo. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

DIDEROT, Denis. *Da interpretação da natureza e outros escritos*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

_____. “Sobre as mulheres”. In: Revista USP, n. 4. São Paulo, 1990.

_____. “Filosofia”. In: *Obras VI: O Enciclopedista: História da Filosofia*, parte 1. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

_____. “Filósofo”. In: *Obras VI: O Enciclopedista: História da Filosofia*, parte 1. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

_____. “Enciclopédia”. In: *Obras VI (3): O Enciclopedista: Arte, Filosofia e Política*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DU MARSAIS, César Chesneau. “O verdadeiro filósofo”. In: *Filosofia clandestina: cinco tratados franceses do século XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime. Ensaio sobre as doenças mentais*. Campinas: Papirus, 1993.

_____. “Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”? (Aufklärung)”. In: Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 2010.

MATTOS, Luiz Fernando F. “O ABC da razão: a Enciclopédia diante da barbárie”. In: NOVAES, Adauto (Org). *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MORTIER, Roland. “Diderot et le project d’une ‘philosophie populaire’”. In: *Le coeur et la raison: recueil d’étude sur le dix-huitième siècle*. Oxford: Voltaire Foundation; Bruxelles: Ed. de l’Univ. de Bruxelles; Paris: Universitas, 1990.

PIVA, Paulo Jonas L. *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.

ONFRAY, Michel. *Contra-história da Filosofia 4: os ultras das Luzes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

PASCAL, George. *Compreender Kant*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCRUTON, Roger. *Kant*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SOUZA, Maria das Graças. *Natureza e Ilustração: sobre o materialismo de Diderot*. São Paulo: Unesp, 2002.

THOUARD, Denis. *Kant*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.